

Casamentos de longa duração: Experiências de casais religiosos

Suzel Alves Goulart¹ e Fabio Scorsolini-Comin²

Resumo

Na vivência conjugal, diferentes elementos devem ser considerados. Entre eles, abre-se espaço para a compreensão da religiosidade/espiritualidade (R/E), que pode assumir diferentes sentidos para cada casal. Este estudo teve como objetivo investigar como a R/E é percebida e experienciada por casais de longa duração. Foram analisadas 96 entrevistas com 32 casais autodeclarados religiosos, juntos em média há 39.5 anos ($DP = 6.76$), com uma idade média de 64.1 anos ($DP = 13.26$). A análise temático-reflexiva produziu três temas: (a) R/E como dimensão significativa para a manutenção e durabilidade do casamento; (b) R/E como estratégia de enfrentamento das dificuldades em casamentos de longa duração; (c) aspectos da R/E nas concepções de casamento e família. Constatou-se que a R/E contribui para a durabilidade do casamento, uma vez que está relacionada diretamente com a sua manutenção durante os anos, sendo fortemente mencionada como explicação para o enlace e evocada em momentos de crise e de busca de ressignificação do relacionamento. A R/E também emergiu como dimensão relacionada ao interdito do divórcio nesses casais, reafirmando um compromisso sagrado assumido perante Deus e a sociedade. Assim, é possível afirmar que, na compreensão dessa conjugalidade, devem ser incluídos elementos que ultrapassem a díade e dialoguem diretamente com o contexto familiar, social e cultural.

Palavras-chave: relações conjugais, religiosidade, espiritualidade.

1 Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Minas Gerais, Brasil. Email: suzel_goulart@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9251-396X>.

2 Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Email: fabio.scorsolini@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6281-3371>.

Long-term marriages: Experiences of religious couples

Abstract

In marital life, various elements must be considered. Among them, there is room for understanding religiosity/spirituality (R/S), which can have different meanings for each couple. This study aimed to investigate how R/S is perceived and experienced by long-term couples. Ninety-six interviews with 32 self-declared religious couples, who had been together for an average of 39.5 years ($SD = 6.76$), with an average age of 64.1 years ($SD = 13.26$), were analyzed. The thematic-reflective analysis produced three themes: (a) R/S as a significant dimension for the maintenance and durability of marriage; (b) R/S as a coping strategy for difficulties in long-term marriages; and (c) aspects of R/S in conceptions of marriage and family. It was found that R/S contributes to the durability of marriage, as it is directly related to its maintenance over the years, being strongly mentioned both as an explanation for the union and invoked in times of crisis when seeking to re-signify the relationship. R/S also emerged as a dimension related to the prohibition of divorce in these couples, reaffirming a sacred commitment made before God and society, making it possible to assert that, in the understanding of this marital relationship, elements that go beyond the dyad and directly engage with the family, social, and cultural context must be included.

Keywords: marital relations, religiosity, spirituality.

INTRODUÇÃO

A conjugalidade de longa duração é apontada por alguns autores como um fenômeno complexo no campo dos estudos da família. A chamada sociedade líquida vem produzindo, ao longo do tempo, o menor engajamento em relacionamentos conjugais, o que afeta diretamente na manutenção desses vínculos ao longo do tempo. Além disso, as mudanças relacionadas com os comportamentos sexuais e afetivos, a legislação na área de família, as múltiplas formas de ser casal na contemporaneidade, a uma maior presença feminina no mercado de trabalho, o adiamento do projeto conjugal e a desconstrução do ideário que relaciona o casamento à identidade pessoal e social, têm levado à necessidade de investigar as motivações para a manutenção do casamento em diferentes contextos culturais (De Coninck et al., 2021; Grizólio et al., 2023; Shovazi & Delavar, 2019).

A própria definição de um casamento longo vem sendo afetada por tais mudanças. Um casamento é considerado longo quando ultrapassa 10 anos de duração (Costa

& Mosmann, 2015; Landis et al., 2014), mas também encontramos referências a 15 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2013) e a 30 anos de união (Grizólio et al., 2015; Silva et al., 2017). Essas definições também podem variar de acordo com o contexto de referência, não havendo um consenso também na literatura internacional (Stahnke, 2023). No cenário brasileiro no qual a presente investigação foi conduzida, essa falta de consenso vem sendo acompanhada pela necessidade de referir o modo como o fenômeno do casamento tem se apresentado em nossa sociedade. No Brasil, o tempo médio de duração do casamento passou de 16 anos, em 2010, para 13.8 anos, em 2022 (IBGE, 2024), movimento que deve ser problematizado diante de marcadores como o divórcio, a existência de novas possibilidades de ser casal, o declínio do patriarcado, o empoderamento feminino e o desinvestimento em relação à experiência da parentalidade associada à conjugalidade (Oliveira et al., 2020). Por meio desses dados, compreendemos que a existência de casamentos longos no contexto nacional tem diminuído com o tempo, seguindo uma tendência que deve ser acompanhada pelos estudos no campo da conjugalidade e da família.

De forma a entender o declínio deste fenômeno na sociedade contemporânea, torna-se importante investigar os motivos para que alguns casais invistam na preservação do enlace amoroso com o passar do tempo (Stahnke, 2023). Entre os fatores associados à manutenção do casamento está a religiosidade/espiritualidade (R/E) (Goulart et al., 2019). A R/E pode ser definida como um conjunto de experiências, sentimentos e inclinações que envolvam a busca pela transcendência, o interesse pelo sagrado, a fé, sendo cultivada tanto de forma individual quanto coletiva, nas instituições religiosas ou fora delas (Cunha et al., 2020; Lambert & Dollahite, 2008).

Embora a literatura científica destaque as associações entre a R/E e a conjugalidade, fazendo referência a desfechos considerados positivos, como no caso do efeito do perdão no relacionamento amoroso (e.g., Gall & Bilodeau, 2021), ou negativos, como diante de um elevado estresse decorrente de uma situação de adoecimento (e.g., Brelsford & Doheny, 2024; Morelli et al., 2013), nem sempre esses estudos são realizados com casais de longa duração, o que desconsidera o efeito da passagem do tempo sobre a construção e o fortalecimento, ou não, dos vínculos entre esses cônjuges. Norgren et al. (2004) relatam que há possíveis ligações entre R/E e conjugalidade, uma vez que níveis mais elevados de religiosidade têm sido associados a níveis mais elevados de satisfação no casamento e maior qualidade da união, aumentando a probabilidade de os cônjuges permanecerem juntos. Esse apontamento é corroborado pelo estudo de Sabey et al. (2014), quando destacam que a R/E aumenta a satisfação e a estabilidade conjugal, sendo um elemento significativo para a durabilidade da união.

A pesquisa de Marks (2005), conduzida nos Estados Unidos com cristãos, judeus, mórmons e muçulmanos, investigou a influência da religião sobre o casamento. Neste estudo, pais e mães casados falaram sobre como três dimensões da religião (comunidade de fé, práticas religiosas e crenças espirituais) poderiam influenciar o casamento. Assim, o autor descreveu oito temas emergentes que funcionaram como apoio ao casal. Dentre eles estão o envolvimento com a comunidade de fé, a importância da oração, a prática de fidelidade marital, crenças pró-casamento e antidivórcio, homogamia de crenças religiosas e a fé em Deus. Silva et al. (2017), no contexto brasileiro, constataram que a R/E é uma estratégia utilizada pelos casais para a manutenção do laço conjugal, estando relacionada com a maior compreensão entre os parceiros, a assertividade nas resoluções dos conflitos entre os cônjuges, o enfrentamento de situações difíceis e a supressão de eventos negativos da conjugalidade. Mesmo quando as investigações não se concentram em casais considerados religiosos, a R/E pode atravessar os motivos para a manutenção do relacionamento, como no caso do estudo conduzido por Heim e Heim (2023), que elencou entre essas explicações atitudes como o altruísmo e a perseverança, elementos que podem estar associados a valores abarcados pela polissemia do termo R/E.

Outro estudo que se propôs a investigar sobre casamentos de longa duração e R/E no contexto norte-americano foi o de Mackey e O'Brien (2005). A intenção da pesquisa foi compreender o significado da religião na perspectiva dos 144 cônjuges engajados em casamentos de longa duração. A maioria dos entrevistados relatou que, mesmo com as mudanças em termos de crenças religiosas ao longo do tempo, o significado da religião continuou positivo nesses relacionamentos.

Diante do exposto, observa-se que a R/E tem sido considerada um elemento importante na manutenção da conjugalidade, estando diretamente relacionada ao funcionamento marital e a sua durabilidade (Alves-Silva et al., 2017). No contexto internacional é grande o número de pesquisas quantitativas a respeito da conjugalidade. Contudo, nesses achados, são priorizados estudos sobre saúde, sexualidade e bem-estar, em sua maioria com cônjuges idosos, com menor ênfase nos aspectos subjetivos e constitutivos da conjugalidade de longa duração e não considerando a R/E como desfecho principal (Landis et al., 2014; Petrican et al., 2014).

Já no contexto nacional, há estudos que têm investigado os casamentos de longa duração (Costa & Mosmann, 2015; Grizólio et al., 2015; Paiva & Gomes, 2006; Scorsolini-Comin et al., 2018). Entretanto, observa-se a falta de pesquisas que abordem em conjunto os casamentos de longa duração e a R/E (Goulart et al., 2021), apresentando-os como temas centrais. Esse fato é também ressaltado por Mullins (2016) ao observar que, embora nas últimas décadas tenha aumentado o interesse acadêmico em pesquisas sobre a influência da religião no casamento, poucos estudos analisaram a influência da dimensão da R/E em casamentos de

longa duração, tanto em termos de sua manutenção como de sua dissolução. A fim de explorar de modo mais aprofundado esse campo, o objetivo deste estudo foi compreender como a dimensão da R/E é percebida e experienciada por casais de longa duração. Espera-se que os resultados deste estudo possam ser úteis tanto para o delineamento de novas investigações com esse público, como também orientar o modo como a temática da R/E pode ser abordada na clínica psicológica e em diversos espaços de cuidado que envolvam esses cônjuges.

MÉTODO

Participantes

Os participantes deste estudo foram recuperados a partir do banco de dados de um projeto que entrevistou 32 casais, totalizando 96 entrevistas em profundidade. Os casais (união estável ou matrimônio) deveriam estar unidos há, pelo menos, 30 anos, sem terem passado por qualquer separação, possuindo no mínimo um filho. Esses casais são provenientes de cidades do interior dos Estados de Minas Gerais e São Paulo, Brasil. Estavam unidos, em média, há 39.5 anos ($DP = 6.76$), variando entre 32 e 53 anos de casamento. A média de idade era de 64.1 anos ($DP = 13.26$), variando de 51 a 82 anos de idade. Em termos de filiação religiosa, a maioria dos casais era católica, e apenas dois divergiam em relação à religião entre si, sendo a esposa evangélica e o esposo católico nesses dois casos. Desse modo, todos os participantes da amostra possuíam uma filiação religiosa, autodeclarando-se religiosos.

Procedimentos

Trata-se de um estudo de corte transversal e de abordagem qualitativa. Para a garantia da validade do estudo qualitativo foram verificados os 32 itens que compõem o protocolo COREQ (*Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research*). A coleta de dados ocorreu a partir da divulgação da pesquisa nas redes sociais dos pesquisadores e do grupo de pesquisa correspondente. As entrevistas foram realizadas por uma equipe de pesquisadores treinados, ocorrendo nas casas dos casais ou no serviço-escola de Psicologia da instituição de origem dos autores. Antes da realização das entrevistas, era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguindo a legislação ética brasileira. Após leitura e anuência, dava-se início à coleta de dados. Primeiramente, eram realizadas as entrevistas individuais e, em um segundo momento, a entrevista com o casal. As três entrevistas eram audiogravadas, sendo posteriormente transcritas na íntegra para composição do *corpus* analítico. Os encontros com cada casal para a realização das três entre-

vistas duraram entre 90 e 120 minutos. Em sua maioria, as entrevistas individuais foram as que tiveram maior duração, sendo que, na entrevista com a díade, diversos aspectos das entrevistas com cada cônjuge eram rememorados. O banco de dados analisado para este estudo foi composto por 96 entrevistas.

Seguindo a legislação ética para pesquisas envolvendo seres humanos no contexto brasileiro, o presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CAAE 77501417.4.0000.5154).

Instrumentos

Foram empregados dois roteiros de entrevista, desenvolvidos com o objetivo de compreender, de modo geral, a experiência da conjugalidade de longa duração e as transformações do casamento com o passar do tempo. O primeiro roteiro, de caráter individual, buscava compreender as experiências relacionadas com a história de vida de cada participante, bem como as relacionadas com o casamento, com foco na conjugalidade de longa duração, na manutenção do casamento ao longo dos anos, bem como nas estratégias desenvolvidas ao longo do tempo e no papel da R/E. Também eram feitas perguntas sobre aspectos pessoais e socioeconômicos para a caracterização da amostra. O segundo roteiro de entrevista, aplicado ao casal, tinha como objetivo verificar a interação da díade, sendo possível observar as concordâncias e divergências entre o par. Foram apresentadas perguntas sobre os desafios enfrentados ao longo do tempo para a manutenção do relacionamento, as motivações para a continuidade do casamento, as principais estratégias que auxiliaram nessa manutenção, bem como as mudanças observadas no próprio relacionamento e no papel do casamento na sociedade com o passar do tempo.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise ocorreu em dois momentos. No primeiro, foi realizada uma análise vertical do material, permitindo elencar eixos temáticos encontrados a partir das falas de cada um dos 32 casais. Em um segundo momento, realizou-se a análise horizontal das entrevistas, permitindo um panorama dos conteúdos compartilhados, destacando pontos de semelhanças e diferenças entre os casais que compuseram a amostra. Ambas as análises foram realizadas por uma equipe de pesquisadores composta por estudantes de graduação e de pós-graduação em Psicologia, sob supervisão do orientador, também psicólogo e com experiência no tema, e com a realização de estudos qualitativos. As possíveis discordâncias entre os avaliadores foram apreciadas pela equipe de pesquisa de modo coletivo. Nos casos de permanência da discordância após reunião, essas foram solucionadas pelo orientador.

Toda essa equipe recebeu treinamento para a realização da análise e participou também do processo de coleta de dados e de transcrição das entrevistas, ampliando o engajamento diante da amostra e do tema. No presente estudo, será apresentada a análise horizontal, ou seja, que integra as perspectivas trazidas pelos casais, sem o endereçamento de aspectos particulares a cada diáde. Para a realização e organização dessas análises, utilizaram-se os procedimentos da análise temático-reflexiva propostos por Braun et al. (2019). Para a ilustração desses temas serão empregados trechos das entrevistas com esses casais, com destaque para as menções mais significativas à dimensão da R/E. Os casais foram numerados de 1 a 32. A interpretação dos dados foi pautada na literatura da área, com destaque para os estudos específicos sobre conjugalidade e R/E.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Três eixos temáticos emergiram da análise temático-reflexiva: a) A R/E como dimensão significativa para a manutenção e durabilidade do casamento; b) A R/E como estratégia de enfrentamento das dificuldades do casamento de longa duração; e c) Aspectos da R/E na concepção de casamento e família. As discussões em cada eixo temático foram exemplificadas apenas com as falas mais representativas do conteúdo exposto. Para preservar a identidade dos participantes, os seus nomes foram substituídos pelos códigos “Esposa” ou “Esposo”, acrescidos do número do Casal (1 a 32).

A R/E como dimensão significativa para a manutenção e durabilidade do casamento

Para os casais entrevistados, o casamento é um compromisso assumido diante de Deus e que não pode ser desfeito. Grande parte dos casais disse estar satisfeita com o casamento, e apenas dois casais (Casais 16 e 21) e a Esposa do Casal 26 cogitaram se separar em algum momento da vida, como pode ser observado na fala a seguir:

Eu concordo que tem que ser assim, porque a gente faz o compromisso com Deus, quem casa no religioso, né, é um compromisso que a gente faz com Deus, que a gente tá com aquela pessoa ali na saúde, na doença, na tristeza, na alegria, né, a gente vai ficar junto ali, os dois (Esposa, Casal 15, católica).

Essa fala ilustra que o casamento é visto como compromisso feito primeiramente com Deus e, posteriormente, com o cônjuge, o que é essencial para a manutenção e a consistência dos relacionamentos de longa duração (Landis et al., 2014; Schoebi et al., 2012), configurando-se em um pacto que envolve cuidado em todas as situações da

vida e que somente a morte pode romper. Observa-se que há notória influência dos dogmas religiosos, como a indissolubilidade do vínculo devido a um compromisso assumido perante a instituição religiosa e a comunidade (Alves-Silva et al., 2017).

Os casais, em função de sua crença religiosa, atribuem uma dimensão transcendental ao casamento, considerado um sacramento dentro da tradição católica. Este achado vai ao encontro do estudo de Norgren et al. (2004), ao ressaltarem que todos os casais que se consideravam satisfeitos com seus relacionamentos de longa duração eram católicos praticantes, o que, segundo as autoras, pode indicar que esses cônjuges estavam, de fato, comprometidos com a impossibilidade de dissolução da união abençoada por Deus e sacramentada pela Igreja. Lambert e Dollahite (2008), ao pesquisarem como a religiosidade influencia o compromisso conjugal, disseram que os casais participantes relataram que as suas crenças e práticas religiosas os ajudaram a incluir Deus como terceiro elemento no casamento, permitindo a construção de um significado mais estável e duradouro para a relação.

Outro aspecto observado no presente estudo é que a R/E faz parte da percepção dos pontos positivos associados ao casamento. Para Rosado e Wagner (2015), os comportamentos positivos do companheiro geram uma avaliação positiva do casamento, elevando, assim, a satisfação conjugal percebida. Nesse contexto, Schlösser (2014) advoga que a satisfação aumenta quando há maior envolvimento emocional dos cônjuges, além de maior confiança, fidelidade, integridade, carinho, paixão, interdependência e abertura para comunicação. Logo, a satisfação em relacionamentos amorosos, proveniente de avaliações positivas do envolvimento amoroso, tende a contribuir para a qualidade de vida, bem-estar e, conseqüentemente, para a saúde mental (Margelisch et al., 2015).

Atrelada à R/E, a satisfação conjugal (Mosmann et al., 2006) mostra-se um componente significativo nos casamentos duradouros, como mostrado nas falas a seguir. Em resposta à pergunta sobre a satisfação no relacionamento, os elementos da R/E emergem como explicações e justificativas, dotando esses casais de maiores condições para a conjugalidade e, principalmente, de recursos para uma vida mais prazerosa e plena de sentido.

Com certeza, absoluta, com certeza. Nesse ponto aí eu te falo com toda esperança, com toda certeza, isso aí é uma obra de Deus [...] considero o meu casamento uma coisa que Deus me deu, porque sempre falo, minha família, meu casamento, isso aí, eu agradeço a Deus, agradeço a Deus (Esposo, Casal 17, católico).

Satisfeito, satisfeito. Contento [...] porque eu acho que o casamento é uma coisa dito que eu acho que é administrado por Deus né [...] o casamento é uma coisa tão

feliz que José casou com Maria, São José né, e ela é Maria é Nossa Senhora então olha o resultado (Esposo, Casal 7, católico).

As análises das falas dos participantes mostraram que a satisfação no casamento é quase unânime entre os casais, com forte presença da R/E. Esses achados corroboram com a pesquisa realizada por Norgren et al. (2004) sobre satisfação conjugal em casamentos de longa duração, afirmando que níveis mais elevados de religiosidade têm sido associados a níveis mais elevados de satisfação no casamento e maior qualidade da união, aumentando a probabilidade de os cônjuges permanecerem juntos. Mullins (2016) também ressalta que o nível de satisfação conjugal é maior quando esses casais são praticantes de um grupo religioso, e que maiores níveis de R/E parecem diminuir a possibilidade de divórcio e facilitar o funcionamento marital.

Em relação ao divórcio, percebe-se que a durabilidade do casamento também provém do manejo que os casais fazem frente às crises. Por meio da análise realizada, notou-se que apenas dois casais (Casal 16 e 21) e a Esposa 26 cogitaram se separar em algum momento da vida, principalmente quando suas expectativas em relação ao relacionamento não foram condizentes com a realidade. Por motivos diferentes, eles decidiram manter o casamento, seja por causa dos filhos, do impedimento dos pais, por gostar do cônjuge ou por encontrar na religião o auxílio necessário, como é o caso do Casal 21.

Olha, a gente tem (vontade de separar), tem momentos que às vezes vem essa, mas a gente vai criando a consciência. Mas falo pra você o aspecto da religião, né, a religião que eu vou, que eu sigo, que eu estudo, a gente vai entendendo certas situações né, que faz a gente enxergar as coisas de outra maneira né, enxergar o porquê das coisas, a razão né [...] a gente tem outra visão (Esposo, Casal 21, espírita).

Os dados também revelam que a R/E possibilita de ressignificação dos eventos e dos conflitos conjugais, levando esses casais a buscar explicações para as dificuldades nos ensinamentos da religião, por exemplo. O divórcio é visto como um interdito.

A Esposa 21 expressou que a separação, mesmo sendo cogitada, não foi oficializada por impedimento dos pais. O divórcio, em sua percepção, seria vergonhoso para ela e sua família, frente aos costumes sociais e religiosos da época. Há que se considerar que os casais do presente estudo se uniram em um período no qual a dissolução do casamento era um evento raro e “proibido”, principalmente em um contexto interiorano no qual as tradições familiares são aliadas aos valores cristãos professados, regendo os valores e as condutas que deveriam estar presentes no matrimônio, o que inclui a não aceitação do rompimento do vínculo conjugal (Alves-Silva et al., 2017). Assim, o interdito do divórcio não se dá exclusivamente

por dogmas religiosos, mas, sobretudo, pela cultura conservadora em que a maioria desses relacionamentos foi forjada.

A R/E, ao mesmo tempo em que se relaciona com aspectos positivos da conjugalidade, com a satisfação conjugal e minimização de conflitos, sendo fator importante na manutenção e durabilidade do casamento, parece selar um acordo que não pode ser cindido ou alterado de acordo com necessidades e vivências dos cônjuges, dispondo de poucas possibilidades de transformação das relações imbricadas. Panzini e Bandeira (2005) afirmam que as crenças religiosas, por diversas vezes, são vistas como forma de controle social, pois oferecem direcionamento ou estrutura para os comportamentos socialmente aceitáveis. Essa face da R/E pode impossibilitar reflexões de situações que ocorrem nos relacionamentos, impossibilitando decisões que vão contra os dizeres religiosos e sociais, “aprisionando” os cônjuges em relacionamentos não satisfatórios.

Assim, ao mesmo tempo que o acesso ao divórcio é um direito garantido por lei, o modo como os dogmas religiosos se corporificam em cada casal pode inviabilizar o desenlace. Mesmo a utilização da R/E para o manejo de uma situação conflituosa no casal, nesse sentido, pode e deve ser problematizada: seria a R/E um recurso de enfrentamento ou uma barreira ao divórcio? As entrevistas recuperadas no presente estudo asseveram a necessidade de que esse questionamento possa ser aprofundado em investigações vindouras, permitindo que a R/E seja tensionada em seus diferentes desfechos, possibilitando, quiçá, a audiência de outras narrativas. No entanto, há que se ponderar que o próprio fato desses casais aceitarem participar da pesquisa, inclusive sendo entrevistados juntos, pode ter valorizado o acesso a configurações nas quais a R/E realmente ocupou um papel de fortalecimento, de sustentação, o que explicaria os presentes achados.

No contexto ressaltado neste eixo, destaca-se a R/E como dimensão significativa no casamento de longa duração, englobando os aspectos positivos dos cônjuges e a satisfação conjugal. No entanto, também se aventa que esses sentidos predominantemente positivos podem estar relacionados com a desejabilidade social, com o fato de os participantes terem sido ouvidos, em um dos momentos da entrevista, em casal, e ao predomínio de religiões cristãs entre os voluntários. Isso pode promover a emergência de sentidos sobre o casamento como algo que não pode ser dissolvido, como um sacramento, uma dimensão divina e de pacto que não pode ser desfeito. Além disso, e considerando o delineamento qualitativo da presente investigação, o fato de esses casamentos terem sido forjados diante de rituais religiosos, como no sacramento do matrimônio católico, não permite que associemos a indissolubilidade exclusivamente aos interditos da R/E ou aos aspectos culturais vigentes à época em que esses enlacs tiveram início.

No entanto, deve ser problematizado que mesmo que essas uniões tenham se estabelecido há quase 40 anos, os valores associados ao casamento têm se modificado, refletindo em novos posicionamentos sobre o que é um casamento satisfatório, por exemplo. A diminuição do tempo de duração dos casamentos, inclusive, pode ser uma direção no sentido de compreender o papel do casamento em nossa sociedade e mesmo reavaliar as representações sociais construídas historicamente sobre essa instituição (Oliveira et al., 2020). Ainda que sejam parte de uma cultura mais conservadora, tais casais também são atravessados por discursos contemporâneos, inclusive os mobilizados no seio de instituições religiosas cristãs, sendo porosos, em alguma medida, a essas transformações. As entrevistas do presente estudo talvez não tenham sido capazes de capturar esses atravessamentos, sendo forçoso investir em novos delineamentos em investigações vindouras.

R/E como estratégia de enfrentamento das dificuldades em casamentos de longa duração

Os casais entrevistados, tanto em seus discursos individuais quanto em conjunto, evidenciaram a R/E como estratégia de enfrentamento nos momentos de dificuldades e crises no casamento, funcionando como fonte de apoio diante de situações de adoecimento do cônjuge, filho ou parente, falecimento de pessoas significativas e limitações financeiras, por exemplo. Tais aspectos podem ser evidenciados na fala da Esposa 5, ao relatar que o momento mais difícil pelo qual passou foi quando seu segundo filho ficou “à beira da morte”, mas que superou essa situação “com a graça de Deus. É Deus o primeiro. Primeiro é Deus na frente, nossa religião, né. Se não fosse o amor que a gente tem a Deus, a nossa religião a gente não era fácil” (Esposa, Casal 5, evangélica). A Esposa 13, além de explicar o apoio que a religião lhe ofereceu, aponta que os conhecimentos obtidos por meio da doutrina e espiritualidade proporcionaram novos modos de perceber e enfrentar as situações consideradas difíceis:

Ah, acho que religião ajuda bastante, né? Você ter um ponto de apoio, ter certos conhecimentos [...] É... tem sido em função até da própria fé que a gente tem, da própria crença que a gente absorveu, através da religião que a gente segue, da filosofia que a gente segue e que nos dá uma visão diferente da vida, né? (Esposa, Casal 13, espírita).

Observa-se, então, que a R/E pode atuar como um elemento de apoio e auxílio para um dos cônjuges no enfrentamento de situações difíceis ou conflituosas. Em relação a esse aspecto, Silva et al. (2017) atestam que a R/E é uma fonte de apoio

significativa, principalmente em momentos de maior mobilização emocional e de desesperança. Dessa maneira, a R/E percebida como suporte torna-se parte integral da vida conjugal (Mackey & O'Brien, 2005).

Além disso, o sistema de crença das religiões pode funcionar como apoio para que casais enfrentem o casamento com compromisso, auxiliando cada um dos cônjuges a se comprometer tanto com a instituição do casamento quanto com o parceiro, inclusive nos momentos difíceis da relação. É importante também considerar que casais praticantes de uma religião supostamente fazem parte de uma comunidade que, muitas vezes, funciona como importante suporte nos momentos de crise, reforçando as expectativas de permanência no relacionamento conjugal (Garcia & Maciel, 2008; Norgren et al., 2004). Ao mesmo tempo, aventa-se que tais comunidades podem fornecer um repertório de regras de conduta que, muitas vezes, pode dificultar a expressão dos afetos e até mesmo interferir nas escolhas dos itinerários de cada relacionamento, como também relatado no estudo de Morelli et al. (2013) sobre a conjugalidade de casais religiosos que perderam um dos filhos.

Para a Esposa do Casal 11, a dificuldade ocorreu no início do casamento, relacionada com a situação financeira. A entrevistada encontrou suporte no curso de casais que ela e seu esposo participaram: “Acho que a religião. Ia na Igreja, nós fizemos curso de casado duas vezes, sabe? Eu gosto de participar, porque você vê que tem gente com tanta dificuldade, que a sua lá pertinho dela é pequenininha” (Esposa, Casal 11, católica).

O curso mencionado pela participante apresenta-se como uma oportunidade para que os cônjuges possam expressar seus sentimentos, suas dificuldades em um grupo composto por outros casais religiosos, que também explicitam suas vivências. Desse modo, o grupo promove troca de experiências, sendo possível conhecer novas realidades conjugais, novas maneiras de lidar e solucionar os problemas cotidianos inerentes ao casamento (Silva & Scorsolini-Comin, 2019). Os repertórios para a resolução de conflitos nesses grupos também oportunizam maior contato com os preceitos religiosos compartilhados pelos casais, de modo que as estratégias destacadas parecem ser condizentes com as práticas religiosas institucionais das quais são signatários. De acordo com Alves-Silva et al. (2017), o contato com a experiência do outro nos grupos de casais constitui um recurso para melhor compreensão dos conflitos vivenciados, inteligibilidade essa produzida em consonância com a R/E professada.

Os movimentos expressos nas falas dos participantes demonstram a R/E como uma estratégia de enfrentamento das dificuldades vivenciadas nos casamentos de longa duração. Observou-se também que a R/E propiciou novas maneiras de perceber e enfrentar as situações consideradas difíceis, sobretudo relacionadas com a

conjugalidade, apontando que o enfrentamento, tanto individual quanto coletivo, pode contribuir para superação das adversidades e a proximidade do casal.

Aspectos da R/E nas concepções de casamento e família

Neste eixo foram agrupadas as falas dos cônjuges sobre o casamento e a família. Em relação ao casamento, percebe-se que maioria dos casais o compreende como instituição divina, presente e dom de Deus. O Esposo 8, católico, afirma que o casamento é uma instituição divina, permitindo cumprir o mandamento de “crescei e multiplicai”, em uma associação inequívoca entre a conjugalidade e a parentalidade (Grizólio et al., 2015). A Esposa 10, também católica, compreende o casamento como um sacramento, validando a característica religiosa/espiritual em sua conjugalidade:

É uma coisa assim... é um sacramento que vem por Deus, é uma união que a gente... pensa que não vai dar conta, mas dá, e... pra falar a verdade, eu acho que todo mundo tem que casar, mas pensando em viver bem (Esposa, Casal 10, católica).

Nesses discursos são considerados tanto a presença de Deus quanto os valores religiosos, o que reforça a percepção dos casais mais velhos de que os seus casamentos são abençoados, havendo o reconhecimento formal e público da longevidade da união e das bênçãos alcançadas em função de o matrimônio duradouro estar alinhado aos ensinamentos religiosos. Outro aspecto é que os casais do estudo, por serem, em sua maioria, cristãos, assumem os valores de sua religião, encarando o casamento como um juramento, compromisso e aliança. A parentalidade também emerge como um elemento importante para a união, muitas vezes associada à naturalização do enlace, ou seja, quase que como um desfecho natural do matrimônio, como apregoado em muitas crenças religiosas, presente na fala do Esposo do Casal 8, católico.

Os casais também concebem o casamento como uma experiência positiva, que desvela alegria e bem-estar. Em sua maioria, agradecem a Deus por essa vivência. Tais fatos estão presentes na fala do Esposo 20 e da Esposa 23: “[...] vou falar para você, graças a Deus sou muito feliz com ela, ela me respeita muito, eu respeito ela. Então... graças a Deus, tudo muito bom” (Esposo, Casal 20, católico); “Ah, é uma bela experiência, viu? [...] mas é a verdade, eu fui muito feliz no casamento, ótima experiência... ter alguém do teu lado, sempre “né”? Com confiança, sabendo que gosta de você, que te apoia... ah, é maravilhoso!” (Esposa, Casal 23, católica).

Grande parte dos casais, principalmente as esposas, mencionaram que suas vidas mudaram positivamente depois que se casaram. Estar com uma pessoa com

quem se possa constituir uma família, compartilhar planos e construir a vida pode acarretar o sentimento e a vivência do casamento como bem-sucedido. Nesse sentido, o relacionamento conjugal torna-se fundamental para o bem-estar conjugal, contribuindo com a satisfação das necessidades emocionais, além de ser um fator preponderante para a qualidade de vida familiar (Schlösser, 2014).

Em relação à vida familiar, a instituição do casamento não pode ser pensada independentemente da primeira (Coutinho & Menandro, 2010). Por isso, nesse eixo, também será destacada a concepção dos casais sobre família. Foi recorrente nos discursos dos casais a importância da família e dos filhos para o casamento, sendo a família uma importante fonte de auxílio e felicidade, entendida como bênção e dádiva de Deus, como pode ser verificado nos discursos a seguir: “É a coisa mais abençoada do mundo que Deus me deu” (Esposa, Casal 6, católica); “Família é uma dádiva de Deus. É uma das coisas melhor que a gente tem no mundo. Esposa, filhos, netos” (Esposo, Casal 10, católico).

O aspecto religioso/espiritual é ressaltado quando os casais conferem à família características relacionadas a essa dimensão, como bênção e dádiva de Deus, concedida aos cônjuges. O Esposo do Casal 12, católico, ainda compara a família com a igreja, salientando os atributos comuns a essas instituições como a comunhão, doação, sendo ambas importantes para o bom desenvolvimento da sociedade.

A R/E também aparece como mantenedora dos valores, virtude e moral dentro do que se espera para os filhos, segundo os casais de longa duração. Isso pode ser verificado no discurso da Esposa 14, uma vez que o sexo antes do casamento não está relacionado somente à tradição ou virtude enfatizadas na família, mas é visto como pecado dentro de algumas religiões.

Minha filha mais velha namorava com um primo [...] ele prometendo que ia casar com ela, sabe? Aí ela pegou e se entregou pra ele. Aí ela ficou louca quando ela ficou sabendo disso, ficou louquinha [...] porque ele... assim, a gente criou nossas filhas pra casar com o rapaz, assim, o primeiro, né, e aconteceu isso com ela [...] Quando ela disse isso, minha filha do céu, meu marido quase morreu. (Esposa, Casal 14, evangélica).

Esses achados corroboram com a pesquisa realizada por Coutinho e Menandro (2010) com mulheres casadas. Os autores perceberam a importância da religião para a manutenção de valores e papéis tradicionais sobre gênero, namoro e casamento, sobretudo nas participantes evangélicas.

Assim como a R/E, outro aspecto observado nas falas dos casais é a concepção da família como “base”, “alicerce” e “segurança”, sendo de grande relevância na vida dos casais: “Olha... acho que é tudo (...) eu acho que é base. A família é a base... é

o alicerce... da nossa vida” (Esposo, Casal 19, católico); “Família pra mim é coisa mais importante que eu tenho, é a família...” (Esposa, Casal 7, católica); “Família é tudo” (Esposa, Casal 25, católica).

A proteção e o cuidado dispensados também aos filhos estão relacionados principalmente com o cumprimento dos valores ensinados, busca de um bom casamento, emprego e construção do seu próprio lar. Ressalta-se que a maioria dos casais responderam que família “é tudo”, sem complementar ou explicar esse tudo, como se o tudo expressasse aquilo que não conseguem nomear ou significar, em razão da grandeza e importância dessa instituição. Dentro desses aspectos, acentua-se o papel familiar de valorização da função afetiva que se manifesta como lugar de suporte e refúgio dos indivíduos frente a diversas situações cotidianas, provendo afeto e segurança. Observa-se, ainda, que esses sentidos emergentes funcionam como uma espécie de “lugar-comum” em relação ao casamento e, sobretudo, em uma perspectiva de casamento mais conservador, como o corporificado pelos casais cristãos entrevistados. Mesmo que se tenha delineado um estudo qualitativo, adensar os sentidos possíveis para além daqueles esperados e valorizados socialmente diante do interlocutor parece ser um desafio deflagrado na escuta desses casais.

Salienta-se que a importância atribuída à presença de filhos em casamentos de longa duração é quase uma unanimidade na amostra investigada e ocupa um espaço muito importante na vida do casal, ou seja, a presença dos filhos é um sinal de que o casamento foi bem-sucedido. A parentalidade também aparece associada a um aspecto divino, de perpetuação da família e, muitas vezes, como uma “missão”, conferindo significado especial ao fato de ser um casal e ter filhos. Para Grizólio et al. (2015), a dimensão conjugal seria completada pela assunção da parentalidade, possibilitando a construção de uma família “de fato”. Ser família seria não apenas constituir um casal e assegurar uma relação estável e satisfatória ao longo dos anos, mas agregar filhos à díade, proporcionando diversas experiências de vida em família. A experiência da parentalidade aparece, portanto, como uma “bênção”, uma “dádiva”, em um sentido próximo ao ideário cristão que costura as experiências conjugais dos entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados deste estudo foi possível perceber que a R/E pode estar relacionada à manutenção do casamento, uma vez que é fortemente mencionada tanto como explicação para o enlace como evocada em momentos de crises e de busca de ressignificação do relacionamento. A R/E foi evocada nos discursos dos casais como um importante ponto de ancoragem e de significado da conjugalidade, o que contribui para explicar o modo como manejam os conflitos ao longo dos

anos e também como desenvolvem recursos. Esses casais também consideraram o casamento um compromisso feito com Deus e que somente a morte pode romper. A indissociabilidade, portanto, emerge como uma característica fortemente associada à R/E, sobretudo a de base cristã.

A satisfação conjugal referida pelos entrevistados deve ser analisada com parcimônia, levando em consideração aspectos como a deseabilidade social ou até mesmo o contexto da entrevista, ou seja, o fato de entrevistar casais que estavam unidos há mais de 30 anos. Isso poderia pressupor, nos participantes, certo reconhecimento e valorização social pela durabilidade do relacionamento, constituindo um viés.

A R/E nos casamentos de longa duração parece atuar como elemento de apoio no enfrentamento das situações difíceis ou conflituosas. As instituições religiosas e a busca individual por Deus foram representativas nesse processo. A R/E também foi onipresente nas concepções sobre casamento e família. Ambos foram vistos como bênçãos de Deus e instituições positivas, promovendo bem-estar, proteção e cuidado. A família foi apontada como base, alicerce e mantenedora dos valores e virtudes, majoritariamente ligada às crenças religiosas, o que se corporifica na manutenção do casamento.

Entre as limitações do estudo, reconhece-se certa homogeneidade na composição da amostra, recrutando basicamente participantes de um mesmo estrato social, ainda que a tentativa tenha sido a de diversificar esse componente. Também o fato de serem casais religiosos e que professavam religiões eminentemente cristãs pode ter direcionado certas respostas, sobretudo as relativas a dogmas e sobre a possibilidade de divórcio, evocando, de certa forma, elementos constitutivos similares, o que, inevitavelmente, baliza as experiências conjugais e as narrativas desses casais. No entanto, deve-se considerar que o perfil dos entrevistados encontra apoio nos dados populacionais que referem o brasileiro como um povo eminentemente religioso, com predomínio de religiões/religiosidades cristãs (Cunha et al., 2020). Assim, esses casais – em termos de suas R/E – representam parte significativa da população brasileira, mesmo que o objetivo da presente investigação qualitativa não seja estabelecer quaisquer generalizações. Em termos metodológicos, embora a entrevista em profundidade tenha sido empregada na presente investigação, é necessário que haja maior abertura para que esses casais também expressem sentidos nem sempre associados à manutenção desses relacionamentos. Isso pode ser empreendido, por exemplo, priorizando os relatos individuais, considerando que esses elementos podem emergir de modo mais seguro nesses espaços de contato direto com o pesquisador e sem a presença do cônjuge. Na presente pesquisa, o próprio fato de o participante saber que após a entrevista individual haveria uma entrevista com a díade pode ter composto um viés. Adensar essas trajetórias pode

permitir, quiçá, a audiência de outros sentidos, o que não foi possível acessar por meio dos instrumentos empregados neste estudo.

É importante que o olhar reflexivo para esses dados compreenda que, no contexto de referência desses casais, a forte vinculação com o universo religioso-espiritual de base cristã atravessa de modo direto a experiência do casamento e a sua sustentação ao longo do tempo a partir de uma perspectiva conservadora, moralista e institucionalizada. Acessar outras possibilidades de leitura e de experiência da R/E, no contexto brasileiro e no exterior, pode nos oferecer um cenário comparativo importante na compreensão dos casamentos de longa duração.

FINANCIAMENTO

Este estudo teve o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). O segundo autor recebeu bolsa de Pós-Doutorado Júnior do CNPq (Processo 501391/2013-4) e, atualmente, é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

REFERÊNCIAS

- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Bodas para uma vida: Motivos para manter um casamento de longa duração. *Trends in Psychology, 25*(2), 487–501. <https://doi.org/10.9788/TP2017.2-05>
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic analysis. In P. Liamputtong (Ed.), *Handbook of Research Methods in Health Social Sciences* (pp. 843–860). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-981-10-5251-4>
- Brelsford, G., & Doheny, K. (2024). Relationship satisfaction, co-parenting, spiritual disclosure, and religious/spiritual coping: Exploring links to parents' mental health following a neonatal intensive care experience. *Spiritual Psychology and Counseling, 9*(1), 7–20. <https://doi.org/10.37898/spc.2023.9.1.192>
- Costa, C. B., & Mosmann, C. P. (2015). Relacionamentos conjugais na atualidade: Percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP, 16*(2), 16–31. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200003&lng=pt&tlng=pt
- Coutinho, S. M. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure". *Psicologia Clínica, 22*(2), 83–106. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000200007>
- Cunha, V. F., Pillon, S. C., Zafar, S., Wagstaff, C., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Brazilian nurses' concept of religion, religiosity, and spirituality: A qualitative descriptive study. *Nursing & Health Sciences, 22*(4), 1161–1168. <https://doi.org/10.1111/nhs.12788>
- De Coninck, D., Van Doren, S., & Matthijs, K. (2021). Attitudes of young adults toward marriage and divorce, 2002–2018. *Journal of Divorce & Remarriage, 62*(1), 66–82. <https://doi.org/10.1080/10502556.2020.1833292>

- Gall, T. L., & Bilodeau, C. (2021). The role of forgiveness as a coping response to intimate partner stress. *Journal of Spirituality in Mental Health*, 23(4), 319–341. <https://doi.org/10.1080/19349637.2020.1745725>
- Garcia, A., & Maciel, M. G. (2008). A influência da religião na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 95–112. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Goulart, S. A., Ferreira, H. G., Mosmann, C. P., & Scorsolini-Comin, F. (2021). Religiosidade/espiritualidade, bem-estar e satisfação conjugal em casamentos de longa duração. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 22(1), 182–194. <https://doi.org/10.15309/21psd220116>
- Goulart, S. A., Oliveira, A. C. G. A., Santos, M. A., & Scorsolini-Comin, F. (2019). Fatores relacionados aos casamentos de longa duração: Panorama a partir de uma revisão integrativa. *Psico*, 50(2), 30370. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/30370>
- Grizólio, T. C., Santos, M. A., & Scorsolini-Comin, F. (2023). Entre altos e baixos: Momentos significativos vivenciados por casais longevos. *Psico*, 54(1), e39158. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39158>
- Grizólio, T. C., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2015). The perception of parenting couples engaged in long term marriages. *Psicologia em Estudo*, 20(4), 663–674. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i4.29536>
- Heim, C., & Heim, C. (2023). How did you stay together so long? Relationship longevity, a cross-generational qualitative study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 49(4), 781–801. <https://doi.org/10.1111/jmft.12656>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2013). *Estatística do Registro Civil*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14719-asi-registro-civil-2013-brasil-teve-37-mil-casamentos-de-conjuges-de-mesmo-sexo#:~:text=Em%202013%2C%20foram%20registrados%201.052,anos%20ou%20mais%20de%20idade>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2024). *Estatística do Registro Civil*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html>
- Lambert, N. M., & Dollahite, D. C. (2008). The threefold cord: Marital commitment in religious couples. *Journal of Family Issues*, 29(5), 592–614. <https://doi.org/10.1177/0192513X07308395>
- Landis, M., Bodenmann, G., Bradbury, T. N., Brandstätter, V., Peter-Wight, M., Backes, S., Sutter-Stickel, D., & Nussbeck, F. (2014). Commitment and dyadic coping in long-term relationship. *GeroPsych*, 27(4), 139–149. <https://doi.org/10.1024/1662-9647/a000112>
- Mackey, R. A., & O'Brian, B. (2005). The significance of religion in lasting marriages. *Journal of Religion, Spirituality and Coping*, 18(1), 35–63. https://doi.org/10.1300/J496v18n01_04
- Margelisch, K., Schneewind, K. A., Violette, J., & Perrig-Chiello, P. (2015). Marital stability, satisfaction and well-being in old age: Variability and continuity in long-term continuously married older persons. *Aging & Mental Health*, 21(4), 389–398. <https://doi.org/10.1080/13607863.2015.1102197>
- Marks, L. (2005). How does religion influence marriage? Christian, Jewish, Mormon, and Muslim perspectives. *Marriage & Family Review*, 38(1), 85–111. https://doi.org/10.1300/J002v38n01_07
- Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Impacto da morte do filho sobre a conjugalidade dos pais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(9), 2711–2720. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900026>
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(35), 315–325. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300003>

- Mullins, D. F. (2016). The effects of religion on enduring marriages. *Social Sciences*, 5(2), 1–14. <https://doi.org/10.3390/socsci5020024>
- Norgren, M. B., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 575–584. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300020>
- Oliveira, A. C. G. A., Leonidas, C., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Gender roles in long-term marriages: Continuance or rupture? *Psicologia Clínica*, 32(2), 251–272. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652020000200004
- Paiva, M. L. S. C., & Gomes, I. C. (2006). Casamentos duradouros: O uso de entrevistas e o TAT na análise psicanalítica da relação conjugal. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, 14(2), 151–159. <https://core.ac.uk/download/pdf/229060593.pdf>
- Panzini, R. G., & Bandeira, D. R. (2005). Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): Elaboração e validação de construto. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 507–516. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300019>
- Petrican, R., Moscovitch, M., & Grady, C. (2014). Proficiency in positive vs. negative emotion identification and subjective well-being among long-term married elderly couples. *Frontiers in Psychology*, 5(1), 1–15. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00338>
- Rosado, J. S., & Wagner, A. (2015). Qualidade, ajustamento e satisfação conjugal: Revisão sistemática da literatura. *Pensando Famílias*, 19(2), 21–33. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/150296>
- Sabey, A. K., Rauer, A. J., & Jensen, J. F. (2014). Compassionate love as a mechanism linking sacred qualities of marriage to older couples' marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 28(5), 594–603. <https://doi.org/10.1037/a0036991>
- Schlösser, A. (2014). Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: Um olhar a partir da psicologia positiva. *Pensando Famílias*, 18(2), 17–33. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200003
- Schoebi, D., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2012). Stability and change in the first 10 years of marriage: Does commitment confer benefits beyond the effects of satisfaction? *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(4), 729–742. <https://doi.org/10.1037/a0026290>
- Scorsolini-Comin, F., Alves-Silva, J. D., & Santos, M. A. (2018). Permanências e discontinuidades nas concepções contemporâneas de casamento na perspectiva de casais longevos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34(1), e34423. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34423>
- Silva, L. A., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Casamentos de longa duração: recursos pessoais como estratégias de manutenção do laço conjugal. *Psico-USF*, 22(2), 323–335. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220211>
- Silva, L. D. R., & Scorsolini-Comin, F. (2019). A transição para a conjugalidade em noivas e noivos católicos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(3), 206–227. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n3p206>
- Shovazi, M. A., & Delavar, M. (2019). Media, love and marriage: The relationship between social/mass media, liquid love and attitude toward marriage. *Journal of Iranian Cultural Research*, 12(4), 51–74. <https://doi.org/10.22035/jicr.2019.2191.2702>
- Stahnke, B. (2023). To be or not to be: Advice from long-term spouses in a mixed methods study. *The Family Journal*, 31(2), 262–268. <https://doi.org/10.1177/10664807221123555>